

REGIONALISMOS QUESTIONADOS: VISÕES E INTERSECÇÕES

Profª Drª Madalena Machado (UNEMAT/PPGEL)

Resumo:

*A obra do escritor Ricardo Dicke apresenta ambientação de temas e personagens em Mato Grosso. O que à primeira vista pode parecer a contemplação do exótico até mesmo como Estado produtor de cultura, deixa de ser, pelas mãos do romancista, simples expressão local para atingir a dimensão universal, seja nas abordagens de situações ou mesmo conflitos sociais, humanos, sobretudo. Nosso trabalho consiste na observação crítica de como o sertão aparece nas obras **Madona dos Páramos** e “Toada do esquecido”. A tensão presente no modo como personagens em fuga da cidade para o sertão, denota o feitiço de uma literatura que não se esgota num paisagismo ingênuo ou de denúncia das mazelas sociais. Nossa abordagem pretende investigar questões que ultrapassem não só a identificação da cor local, mas o questionamento levantado com personagens “globalizados” em que pese a consciência crítica de um tempo marcado pela pressa e objetivação das relações.*

Palavras-chave: Dicke, Regionalismo, Universalismo, Questionamento

1 Introdução

A literatura repensada em termos de regionalismo universal abre-se a um leque de observações, seja no âmbito teórico, estético ou ético. Nosso artigo se detém em problematizar questões relativas à estereotipia das configurações regionais; generalizações que levam a certas visões preconceituosas quanto à criação estética, dividida entre o local e o universal que fatalmente restringem e limitam as criações literárias. A potencialização do elemento criativo, faz de cada poética uma ruptura de suas possibilidades artísticas e éticas em que predomine o diferente. O nível ideológico e/ou estético investigado pelos especialistas na avaliação de uma produção artística adjetivada como regional, encerra muito do que se convencionou a pretensão de se atingir o humano no texto. Ao discutirmos o regionalismo, desdobrando-o em região e regionalidade, pretendemos observar na expressão literária as peculiaridades para além da identificação de lugares, paisagens, exotismo no discurso e, mesmo, no modo de conviver de um povo. Procuramos dar vazão ao discurso teórico seletivo, indagador, inconformado ao destacarmos as produções literárias que não se encaixam em gavetas historiográficas. A visada sócio-histórica a fim de delimitar esta ou aquela produção literária como regional em detrimento da universal, chama a atenção de pesquisas com produções artísticas, fomentadoras de uma visão mais percuciente da vida e do homem situada numa região. Pretendemos na leitura crítica do romance **Madona dos Páramos** (2006) e do conto “Toada do Esquecido” (2006) do mato-grossense, Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008), investigar tais perspectivas na construção e função da regionalidade no texto literário. Para tanto, entendemos a fluidez

das relações expandidas às fronteiras, particularizadas por certos elementos de uma dada cultura, isto faz com que repensemos tradições nacionais e/ou linguísticas corroboradoras para a designação dos vários regionalismos nesta segunda década do século XXI. Tais pressupostos serão valorizados para a discussão maior do simpósio situado na dinâmica das condições teóricas e na destreza temática para expressá-las junto a uma literatura em processo. A tradição regionalista na literatura brasileira em específico, ligada ao conceito de pátria, nacionalismo, conhecimento e diferenciação do elemento estrangeiro, postula num segundo momento um lugar de abrangência das mazelas, atrasos, apontamento do que se chamava então da periferia de um Brasil interiorizado. Marcante na literatura do Brasil os vários focos produtivos do nordeste, sul, centro-oeste; nomes como Taunay, Raquel de Queiroz, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa são fomentadores do debate. Despontam criticamente Sílvio Romero, Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Lúcia Miguel-Pereira foram pioneiros na decantação do termo “regionalismo”. Neste sentido, entendemos que a literatura de Ricardo Dicke ao superar os índices iniciais de diferenciação do elemento estrangeiro, bem como superar a mera questão de denúncia social, expõe por outro tanto, ideias que dialogam, debatem, problematizam o humano situado na região de Mato Grosso. Notemos, por isso, que a apreensão do conceito de regionalismo – compreendendo o quão polêmica se torna tal atitude, por causa da infinidade de definições que o termo comporta – como sinônimo de literatura mal versada, levou a um círculo vicioso, quando cada crítico tentou, por sua conta e risco, salvar determinadas obras dessa vala comum reservada apenas àqueles que de algum modo não teriam realizado os objetivos da arte. Tal impasse gerou e fundamentou uma pluralidade de conceituações que não parecem resistir a um exame mais aprofundado, ao que pretendemos explorar em Ricardo Dicke. Com isto, teremos a oportunidade de melhor nos aparelharmos para tomar a obra literária e proceder a um trabalho de interpretação. Estipulada em termos de diálogo com a tradição e ao mesmo tempo sob o feixe de pensamentos precursores regionalistas, possam dessa maneira, instituí-los como tal.

2. Ricardo Dicke situado em âmbito nacional

O escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke iniciou sua carreira literária com o romance **Deus de Caim** ([1968] 2006a), desde então temos publicado deste romancista, **Caieira** (1978); **Madona dos Páramos** ([1981] 2008); **Último horizonte** (1988); **Cerimônias do esquecimento** (1995); **Rio abaixo dos vaqueiros** e **O salário dos poetas** (2000); **Toada do esquecido & Sinfonia equestre** (2006b) e **Os semelhantes, Cerimônias do sertão, A proximidade do mar & A ilha** e **O velho moço e outros contos** (2011). Seguindo o percurso que acima mencionamos, temos na trilogia inicial publicada pelo autor uma espécie de painel da literatura que se produz a partir de então na Literatura Brasileira feita em Mato Grosso. O Estado comumente reconhecido como produtor de gado e soja, surge com Ricardo Dicke, um produtor também de Literatura. **Deus de Caim, Caieira** e **Madona dos Páramos**, é como se fosse um cartão de visitas do escritor. Ali estão o cenário marcado por disputas, num solo abrasado pelo sol e exploração da natureza e, homens cujas relações estão tensamente em conflito. Não há nestes romances a primazia da fala por parte de personagens que simbolizem o poder, a hegemonia, há por outro tanto espaço àqueles que vivem as agruras da terra, os fugitivos da lei, os explorados na extração da cal no interior de Mato Grosso. Recortamos para este estudo o romance **Madona dos Páramos** e o conto “Toada do Esquecido” em que aparecem o contraste bem acentuado do que se convencionou chamar de sertão, associado à

paisagem de Mato Grosso. Ao contrário do que deparamos em Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, o sertão em Dicke mostra exuberância da mata, excesso da chuva, sol, que enquanto agride, causa perdição nos personagens, isto no romance; já no conto, visualizamos à maneira do homem mato-grossense o sol escaldante, devastação da mata, fumaça, os esquecidos do poder, a ambição pelo ouro, fuga dos mandatários; em ambos, a fuga da lei e todo tipo de imposição. Nisto percebemos que a tensão fica por conta do Regionalismo em Dicke não se reduzir ao paisagismo da cor local. Não é Mato Grosso enquanto paisagem natural ou construída que ganha o primeiro plano da narrativa. São dimensões, dramas humanos o principal a ser visto. É o que discutíamos no livro **Dos Labirintos e das águas: Entre Barros e Dickes** (2009) quando afirmávamos que

Ricardo Dicke constrói uma narrativa sobre o homem contada sob variados ângulos conforme a experiência de vida de cada personagem. Defende dessa maneira a união a fatores emocionantes, base para que possamos falar da alta qualidade de sua Literatura já que não se prende a um determinado ritmo da existência. Entendemos como uma inversão do crescimento humano apresentado no romance o fato da razão não ser exclusivamente o dado que identifica a figura humana; ela passa a ser o elo na cadeia da composição aberta pela liberdade de escolha. (MACHADO, 2009, p. 169)

Neste ritmo potencial encontramos na narrativa curta “Toada do esquecido”, dimensões sociais bem acentuadas entre conflito da terra e posse do ouro, perfazendo os dramas dos homens despossuídos, a perda da vida em função de relações não compreendidas, mal resolvidas. Pensamento que segue na mesma linha interpretativa da pesquisadora Hilda Magalhães (2001) para quem,

O sertão dickeano é sustentado pelos conteúdos do inconsciente, traduzidos no sobrenatural, no espaço fantástico, no território mágico, enfim um sertão povoado por pessoas enlouquecidas, imagens surgidas do inconsciente e figuras mitológicas e bíblicas. Um sertão-angústia, um sertão-loucura, ao contrário da versão roseana, sublinhada pelo questionamento racional de Riobaldo, portanto, um sertão-resposta, um sertão-apaziguamento. (p. 214)

Este espaço que abriga questões tão pujantes, como as apontadas, serve também de entremeio para se apontar ao universal, já que os personagens perambulam com naturalidade de quem não sabe o caminho, mas tem urgência na errância. É mais do que o medo de serem capturados ou mesmo, de não encontrarem a saída da mata/labirinto, é, sobretudo, o de não se encontrarem, a maior preocupação de todos ali sugados por sol e chuva. Gilvone Furtado (2007) nos esclarece a este respeito defendendo o seguinte:

Nos romances de Dicke, o sertão é palco para a visualização das potencialidades imaginárias latentes, em tramas cujas novas redes de sentido são construídas em torno de deslocamentos, de travessias, de novas estruturas de existências num território que se apresenta duplamente simbólico: no exterior e no interior dos seres. (p. 82)

Pensando na universalidade dos seres ficcionais situados na região de Mato Grosso, podemos retomar o artigo de Humberto Hermenegildo de Araújo (2008): “A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva”, o qual recorre a

Candido para destacar no Regionalismo o fator de humanidade na narrativa num primeiro momento e, posteriormente, o despertar da consciência e sensibilidade do escritor para a atenção com o atraso econômico e social retomado pela Literatura. Numa terceira fase, há o cuidado na elaboração artística. Entre o programa elaborado por Candido e Gilberto Freyre no que tange a fazer conhecer um nordeste à imagem do mundo açucareiro pernambucano, Hermenegildo se coloca no sentido de valorizar em tais leituras: tendência genealógica e tentativas de visibilidade do regionalismo no Brasil.

Outra postura crítica que vai ao encontro de nossas preocupações em relação à literatura dickeana é a da pesquisadora Maria Luiza Berwanger da Silva: “Regionalismo mundializado” (2010), ao discuti-lo procurando situá-lo numa vertente em que se insere o local enquanto diálogo de completude para se chegar ao universal e, quanto a mundialização, a pesquisadora percebe na dicotomia perto/longe, uma simbólica para restituir ao homem, a paisagem da subjetividade redesenhada. Do local se extrai a noção de doar e trocar com a qual o regionalismo acrescenta numa visão a ser completa pelo olhar externo.

Já Tânia Pellegrini no artigo, “A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade” (2001), sublinha a tensão entre o local e o importado. Para ela o regionalismo romântico tem o mérito de descobrir o país e sua incorporação aos temas literários a fim de diferenciá-lo da Europa. O que denota uma falsa dicotomia: tensão entre opostos diferentes. Oposição entre campo e cidade, significando oposição entre nacional (autêntico) e estrangeiro (imposto). Isto recai numa discussão fora de foco pois, formas estrangeiras adquirem novos contornos, alimentando-se de conteúdos nacionais. Toda a literatura brasileira nasceu como resposta a uma busca de expressão nacional. Campo e cidade retratam um país que se formava, diverso da metrópole. Tarefa a cumprir: denunciar os problemas sociais. Na busca de expressão nacional, cede espaço para inserção no mercado, o que implica transformações significativas do código estético-literário. Pellegrini aborda, ainda, questões da minoria, resistência fragmentária centrada nas cidades. Há um questionamento de todas as formas de poder, inclusive do discurso pois, expressa uma consciência crítica. A questão nacional é retomada com o romance histórico em autores como Márcio de Souza e João Ubaldo Ribeiro, Deonísio da Silva, Assis Brasil, Rachel de Queiroz, que reinterpretem o fato histórico, o que poderia ter sido. Estes contemplam o individual, o fragmento, percepção atomizada do mundo que caracteriza o homem de hoje. A pesquisadora defende que há de forma geral uma recuperação da nacionalidade. Alguns romances históricos tentam transformar a História numa coleção de anedotas exóticas de fundamento privado para atender ao mercado e ao entretenimento. O homem nos grandes centros, o desamparo, a crueldade e degradação que norteiam seus passos. Na cidade deambulam seres desumanizados. A narrativa urbana sem adotar nenhuma postura de oposição programática ou casual ao regionalismo, impôs-se como dominante como um processo histórico-social. O espaço urbano ficcionalizado abriga significados novos, de *locus amenus* transforma-se numa possibilidade de representação dos problemas sociais até chegar a um complexo corpo vivo, *locus horribilis* ao que corresponde às nossas condições econômicas, sociais e políticas.

Conclusão

Dessas leituras críticas depreendemos que o fazer literário de Ricardo Dicke, nos dois livros recortados para este estudo, aponta a uma fuga da cidade rumo ao sertão. Eles buscam esconderijo, refúgio da perseguição do poder, a autoridade oficial e paralela.

Enquanto se embrenham na mata, adentram sua interioridade, os personagens ao mesmo tempo em que procuram saber de si, dão a saber ao leitor. Dicke se esmera em situar os personagens numa paisagem densa, imponente; na mesma medida em que extrapola o retrato, faz potente a força da dúvida sobre o que eles sabem, como se relacionam. Nessa literatura encontramos o amor não resolvido e o quanto a posse do ouro não satisfaz a busca maior que todos eles empreendem na rota de fuga. Esta não se configura apenas em escapar da polícia ou da proprietária do ouro, mas do que já experimentaram, da convicção de um modo de vida previsto, rotineiro e subalterno. É assim o sertão em **Madona dos Páramos** e “Toada do esquecido”.

Referências Bibliográficas

- AMORIM, Geraldo Nogueira de. “Regionalismo e neo-realismo, um discurso intercultural e literário”. In: **DLCV**, João Pessoa, v. 04, n. 01, jan/dez, 2006, p. 173-179
- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. “A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva”. In: **Revista Letras**, Curitiba, n. 74, p. 119-132, jan/abr. 2008
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2002
- _____. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. **Literatura e sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1980. p. 109-138.
- _____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. v. 2.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- DICKE, Ricardo Guilherme. **Deus de Caim**. Rio de Janeiro: Edinova, 1968
- _____. **Deus de Caim**. 2ª ed. Cuiabá: afábrika, 2006a
- _____. **Caieira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978
- _____. **Madona dos páramos**. Rio de Janeiro: Antares, 1981
- _____. **Madona dos páramos**. Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2008
- _____. **Conjunction oppositorum no Grande Sertão**. Cuiabá: Lei estadual de incentivo à cultura, 1999
- _____. **Toada do esquecido & Sinfonia eqüestre**. Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2006b
- ELIOT, Thomas Stearns. Tradition and the individual talent. In: **The Sacred Wood: essays on poetry and criticism**. 7. ed. Londres: Methuen & Co. Ltd., 1950
- JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo, Ática, 1997.
- MACHADO, Madalena e MAQUÊA, Vera. (Org.). **Dos labirintos e das águas: entre barros e dickes**. Cáceres: UNEMAT, 2009
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato Grosso: século XX**. Cuiabá: Unicen, 2001
- MIGUEL, Gilvone Furtado. **O imaginário mato-grossense nos romances de Ricardo Guilherme Dicke**. Goiânia-GO, 2007 (Tese de Doutorado em Literatura Brasileira) Universidade Federal de Goiás, 2007
- MURARI, Luciana. “Um plano superior de pátria: o nacional e o regional na literatura

brasileira da República Velha”. In: anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC, São Paulo, 2008

PELLEGRINI, Tânia. “A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade”. In: **Revista de crítica literária latinoamericana**. Ano XXVII. N. 53. Lima-Hanover, 1er. Semestre del 2001, p. 115-128

SILVA, Maria Luiza Berwanger da. “Regionalismo mundializado”. In: **Ráido**, Dourados-MS, v. 04, n. 08, p. 85-91, jul/dez, 2010

Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB

ISSN 2317-157X